

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

CINTIA VALÉRIA DE MELLO

**“NÃO TEM HORA E NEM DIA, NÃO TEM FRIO E NÃO TEM CALOR”:  
TRABALHO E TRABALHADORES EM AVIÁRIOS, TOLEDO-PR**

**Marechal Cândido Rondon  
2013**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
COLEGIADO DO CURSO DE HISTÓRIA

CINTIA VALÉRIA DE MELLO

**“NÃO TEM HORA E NEM DIA, NÃO TEM FRIO E NÃO TEM CALOR”:  
TRABALHO E TRABALHADORES EM AVIÁRIOS, TOLEDO-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
sob a orientação do Dr. Vagner José  
Moreira, apresentado à Banca  
Examinadora, como requisito básico para  
obtenção do título de Licenciatura Plena em  
História, pela Universidade Estadual do  
Oeste do Paraná, Campus De Marechal  
Cândido Rondon.

**Marechal Cândido Rondon  
2013**

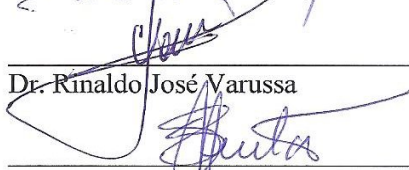
## ATA DE DEFESA

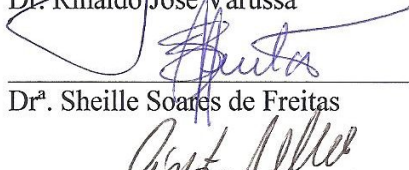
Aos 15 dias do mês de julho de dois mil e treze, reuniram-se os professores: Dr. Vagner José Moreira, Dr. Rinaldo José Varussa e Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas para comporem banca examinadora e submeterem a exame o Trabalho de Conclusão de Curso, enquanto requisito para obtenção de título de Licenciado em História, da acadêmica Cintia Valéria de Mello, intitulado **“Não tem hora e nem dia, não tem frio e não tem calor”: trabalho e trabalhadores em aviários, Toledo-PR**. O trabalho após a exposição da autora e argüido pela Banca, foi considerado Aprovado, devendo a autora acatar as apreciações da Banca, proceder às reformulações indicadas pela banca e protocolar a versão definitiva em quinze dias, a partir desta data.

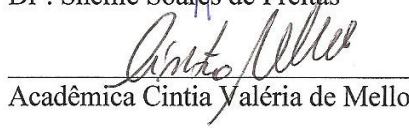
Sendo a média final: 100.

Sem nada mais a acrescentar, eu Vagner José Moreira presidente da Mesa, lavro e assino a presente Ata, juntamente com os demais componentes. Marechal Cândido Rondon, 15 de julho de 2013.

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Vagner José Moreira (orientador)

  
\_\_\_\_\_  
Dr. Rinaldo José Varussa

  
\_\_\_\_\_  
Dr<sup>a</sup>. Sheille Soares de Freitas

  
\_\_\_\_\_  
Acadêmica Cintia Valéria de Mello

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Cíntia Valéria de Mello, residente em Marechal Cândido Rondon, Paraná, declaro que o texto apresentado é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto total responsabilidade sobre ele.

NOME: CINTIA VALÉRIA DE MELLO

ASSINATURA: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais, Antonio e Sandra.  
Que fizeram de tudo para que isso fosse possível.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os sujeitos que contribuíram para esse árduo processo de conhecimento: minha família que me apoiou diante das dificuldades; meus amigos, Babosa, Carlão, Lucams, Antonio, Tineneu, Daniel, Elaine e Simone, por me proporcionarem vários momentos de companheirismo; Vânia, Guilherme, Mima, Joh e Xequerel: obrigada pelos momentos de discussões de textos e pelos momentos de descontração no bar.

Aos professores da Universidade que passaram pela minha vida acadêmica e que, também, contribuíram para a minha formação enquanto ser humano em constante movimento.

Aos entrevistados que gentilmente abriram a porta de suas casas e dividiram um pouco das suas experiências. Graças a vocês esse trabalho pode ser realizado.

Ao meu orientador, prof<sup>o</sup>. Dr. Vagner José Moreira, que participou de grande parte da minha vida acadêmica orientando pesquisa desde o primeiro ano, exemplo de profissional e pessoa.

À Carem, amiga para além da vida acadêmica, companheira nos diversos momentos da minha vida pessoal, me apoiando no que fosse preciso.

À Eduarda e Geisa, que mesmo longe sinto vocês como se estivessem do meu lado sempre.

E ao meu companheiro Jonas, pelo apoio, paciência e pelas longas conversas sobre teorias e tantas outras coisas.

**“NÃO TEM HORA E NEM DIA, NÃO TEM FRIO E NÃO TEM CALOR”:  
TRABALHO E TRABALHADORES EM AVIÁRIOS, TOLEDO-PR.**

**RESUMO**

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar o processo de produção avícola vivido pelos sujeitos que trabalham nos aviários de engorda de frango integrados à BR Foods (antiga Sadia), no município de Toledo-PR. A partir da literatura produzida, discuto a visibilidade do trabalhador e as relações de trabalho na avicultura, uma vez que a atividade laboral é de dedicação integral ao trabalho, pois toda a atividade para um bom lote está condicionada as variações do clima/tempo e do manejo. Como fonte principal para esta pesquisa, a fonte oral é de extrema importância, a partir da qual, no contato com os trabalhadores, interpretamos os sentidos e significados que a avicultura tem para esses sujeitos, observando as atividades desenvolvidas na jornada de trabalho e os conhecimentos adquiridos em conjunto com a experiência no ambiente de trabalho.

Palavras chave: Trabalhadores, Avicultura, Relações de Trabalho, Oeste do Paraná.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I- A PRODUÇÃO AVÍCOLA NO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PARANÁ ....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO II - RELAÇÕES DE TRABALHO NA AVICULTURA EM TOLEDO-PR ..</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>



## INTRODUÇÃO

A pesquisa que originou o Trabalho de Conclusão de Curso é a continuidade de um projeto de iniciação científica que iniciou de forma voluntária e depois contou com bolsa, o qual teve como objetivo problematizar e compreender o processo de produção avícola vivido pelos trabalhadores no município de Toledo.

Por uma sugestão do orientador e por afinidade pessoal, optei por dar continuidade à temática, uma vez que minha infância foi vivida no interior dessa região e também pelo contato direto que meus pais tiveram ao trabalharem, durante um tempo, na atividade. Pesquisar sobre questões da vivência dos trabalhadores que desenvolvem suas atividades a título de parceria e contrato foi um desafio e ao mesmo tempo um aprendizado.

O objetivo central da pesquisa foi problematizar, descrever e interpretar as relações de trabalho e a experiência social dos trabalhadores vinculados à avicultura no município de Toledo, dando a esses sujeitos visibilidade no processo histórico. Fato que aparece (quando aparece) de maneira superficial na literatura produzida.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamos o procedimento de investigação pautado no exercício das “evidências interrogadas”, apontadas pelo historiador britânico Edward Palmer Thompson (1981).

As evidências foram levantadas no trabalho de campo e nas entrevistas realizadas de forma dialogada, a partir de um roteiro no qual procurei abordar, em um primeiro momento, questões relacionadas à organização do trabalho e da produção no presente: as dinâmicas e rotinas da produção e do trabalho a fim de perceber características do ambiente de trabalho, com descrição sobre a organização do trabalho, salário, como são contratados, como recebem, (relações de trabalho); se o trabalho é cansativo, se o trabalho adocece, entre outros. Ao tentar buscar respostas para esses apontamentos, foi possível perceber as lembranças do dia a dia que, a princípio, passavam despercebidas pelo trabalhador, pois estes pareciam que estavam ligados no automático, mas com diálogo esses apontamentos, que às vezes parecia apenas um detalhe, tornaram-se muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

No roteiro, também foi proposto indagar sobre morar e trabalhar na propriedade, se o trabalhador que tem direito a moradia ou se tem que pagar aluguel, se tem área de terra em que pode plantar para subsistência, entre outros. Em outro momento do roteiro e das entrevistas, questionou-se sobre o processo de organização do trabalho e da produção no tempo – a historicidade do processo. E, por fim, a trajetória ocupacional e familiar – todas as

questões acima relacionadas aos outros trabalhos, privilegiando as experiências de trabalho em aviários. Questões para comparar a organização do trabalho e da produção no presente e no passado e perceber mudanças nas dinâmicas, rotinas da organização da produção.

Assim, durante as entrevistas, os assuntos pautados no roteiro foram transformados em questões para o diálogo, pois entendemos que uma conversa informal, sem uma estrutura rígida, pode nos mostrar elementos cuja existência ou relevância eram desconhecidas previamente pelo entrevistador e poderiam não ser contempladas.

A concepção teórica do qual partimos nos faz entender que a história é movida e construída a partir da luta dos sujeitos na sociedade em que estão inseridos e essa luta se pauta principalmente na sobrevivência dos mesmos. Propomo-nos a estudar as relações sociais e trabalhistas destes trabalhadores e as suas expectativas a partir da sua condição de trabalho atual. Durante o trabalho de campo observamos que as histórias de anos passados, trajetória ocupacional e de vida, também tem influência sobre suas vontades e perspectivas. Algumas entrevistas foram longas, com uma conversa que parecia fugir um pouco do objetivo central, mas com o decorrer do tempo percebi que esses diálogos cheios de histórias de vida eram importantes para compreender o contexto e a sensação, que esses trabalhadores deixavam transparecer, de como a rotina do trabalho deles poderia ser tão importante.

A pesquisa de campo teve um caráter qualitativo na procura de entender os sentidos e significados do trabalho exercido por estes trabalhadores nas atividades com o aviário. Procuramos entender como são as condições de trabalho. Será que a vontade de permanecerem no campo leva esses sujeitos a preferirem o trabalho avícola? De que forma o trabalho avícola garante a satisfação e as necessidades da família? Como esses sujeitos se vêem inseridos nessas relações? Esses sentidos atribuídos às evidências virão de acordo com os valores de cada sujeito que estão inseridos em uma sociedade, no qual suas relações sociais são vividas sob pressões. Desse modo, os valores foram e são elaborados e reelaborados pelos sujeitos, considerando sua trajetória e a totalidade social, e é a partir dessa reflexão que a pesquisa se desenvolveu. Neste sentido, Thompson (1981, p. 189) argumenta: “[...] as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideia, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou como instinto proletário, etc.” Para o historiador, os sujeitos:

[...] também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades como valores ou (através de formas mais elaboradas), na arte ou nas convicções religiosas. Desse modo a cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral. (THOMPSON, 1981, p. 189).

Logo, existem conflitos, e é onde aparecem às contradições, sejam elas de vontades, interesses ou necessidades. Trata-se de uma luta de valores que está incorporada na luta de classes. É importante fazer o reconhecimento dos valores e sentimentos como dados que podem ser ponderáveis, pois não se trata de uma questão de apenas satisfação humana, mas, também assumem um grande valor na discussão da “moral” (pois a luta de classes é uma luta entre valores), e da mudança social. Segundo Thompson (1981), essas questões aparecem com o materialismo histórico, onde os conceitos são generalizados, como a exploração, hegemonia e a luta de classes, que surgem na prática histórica, diferentemente dos tipos ideais realizados na evolução histórica. Na busca por estas perguntas, torna-se fundamental o entendimento do significado do trabalho para estes sujeitos, a construção histórica que está envolvida no contexto de vida e a crença destes indivíduos.

Responder essas questões expostas nos parágrafos acima é contar parte da história desses indivíduos, tentando perceber qual o lugar e como esses sujeitos se relacionam na sociedade vigente.

Para responder tais questões é necessária uma pesquisa além de informações de cunho técnico, obtidas de forma secundária e sob uma observação qualitativa. Portanto, a partir do trabalhador que está efetivamente, e de modo integral, envolvido na atividade do manejo dentro do aviário, a compreensão dos sentidos atribuídos por esses sujeitos foi de extrema significância para esta pesquisa. Com a leitura do trabalho avícola, a partir do próprio trabalhador, notamos que o trabalho não é de relação estritamente econômica, pois também está atrelado às relações sociais, morais e culturais e que essas relações formam “um mosaico no qual cada peça se encaixa com as outras, mas é diferente de todas elas” (PORTELLI, 2010, p. 174). O teor qualitativo das entrevistas demonstrou que, mesmo havendo características constantes na maioria das entrevistas, existem traços específicos de cada trabalhador

Foi neste sentido que as entrevistas nos ajudaram a entender os sentidos essenciais sobre outros aspectos para além das fontes secundárias<sup>1</sup>, o entendimento do trabalho avícola na vida desses sujeitos.

Na pesquisa, realizamos oito entrevistas ao todo, dentre essas, duas foram com proprietários/trabalhadores, ou seja, não possuem empregados na propriedade, seja porque a propriedade é pequena, a produção é de baixa escala ou/e o trabalho envolve os familiares, assim não havendo necessidade de empregar terceiros. E apenas uma entrevista foi feita com

---

<sup>1</sup> Literatura específica e informações cedidas pela SEAB.

um proprietário<sup>2</sup>, que além dos três aviários com capacidade média de 15 mil frangos, exercem outras atividades agrícolas na propriedade.

O trabalho de campo foi muito gratificante e também poderia dizer penoso. Por questões de sanidade, todos os aviários se localizam no interior do município de Toledo, principalmente nos distritos e vilas. Houve algumas dificuldades para chegar nessas propriedades, a começar pelo seu endereço; de início fui até a SEAB (Secretária da Agricultura e Abastecimento) a fim de encontrar informações sobre a localização ou algum telefone para contato, porém, mesmo me identificando e apresentando documentação da Universidade, todas essas informações foram negadas com a justificativa de que eram sigilosas. Então o meu trabalho tornou-se um pouco mais complicado, com uma ressalva de que meu pai, por já ter trabalhado nesse ramo, conhecia um casal que permanecia no trabalho avícola. Neste momento fui acompanhada de meu pai à propriedade e me deparei com um casal muito simpático e acolhedor. A partir daí, e com indicação dos primeiros entrevistados, precisei procurar por conta outras propriedades e assim seguiu sucessivamente.

Durante a sistematização de todos os aspectos citados acima, voltei várias vezes à bibliografia específica e teórica, mas principalmente, ao exercício pessoal de reflexão, reconhecimento no momento da escrita e releitura de cada transcrição, aonde poderia ter feito mais e outras questões, mas isso deixou evidente do quão a história é permeada por conflitos e por sujeitos que alternam em seus sentidos e significados que refletem em suas ações cotidianas.

No primeiro capítulo, analiso a situação atual do setor avícola e a sua organização. Partindo de uma análise da avicultura patronal da cidade de Toledo, mas com o objetivo central focado nos trabalhadores deste setor a fim de compreender as relações sociais, as relações de trabalho e a visibilidade atribuída a esses sujeitos. Utilizo também, como um parâmetro de análise, algumas bibliografias já produzidas sobre o assunto, além de informações (custosamente) cedidas pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB), além de sites específicos sobre avicultura.

No segundo capítulo faço uma análise da vivência dos trabalhadores do setor avícola de Toledo. A partir dos seus relatos, de sites e revistas específicas sobre avicultura, problematizo e interpreto as relações de trabalho, a experiência social, os sentidos e significados destes trabalhadores enquanto sujeitos visíveis no processo histórico.

---

<sup>2</sup> Achemos importante ter a experiência de entrevistar pelo menos um proprietário a fim de compreender os sentidos dessas relações de trabalho, a partir deles.

## CAPÍTULO I

### A PRODUÇÃO AVÍCOLA NO MUNICÍPIO DE TOLEDO-PARANÁ

Nas últimas décadas, a avicultura brasileira tem apresentado alto índice de crescimento. A conquista de novos mercados colocou o Brasil em terceiro lugar no ranking mundial de exportações e grande parte deste “sucesso” está atrelado ao aperfeiçoamento da produtividade no setor. E a busca por essa produtividade gera uma reorganização no processo de trabalho. Na pesquisa, tentaremos compreender os trabalhadores de aviários inseridos nesse contexto.

Neste capítulo da pesquisa delimito e problematizo a avicultura patronal de Toledo a partir da situação atual do setor avícola e sua organização. Partindo de uma análise focada nos trabalhadores deste setor, consideramos os significados e sentidos de disputa na compreensão histórica. O objetivo é compreender e dar visibilidade ao trabalhador, as relações sociais e as relações de trabalho na avicultura.

Durante essa pesquisa, dialogamos com algumas bibliografias que também se prontificaram a estudar sobre essa temática e, em muitos casos, não partimos da mesma perspectiva, mas, elas podem nos auxiliar em algumas discussões.

Há pouco mais de 30 anos, o Oeste Paranaense encontra-se inserido no modelo de produção intensiva da carne de frango (BELUSSO, 2010), como consequente da dinamização ocorrida nas cadeias agroindustriais. O contexto da configuração dessa dinamização surgiu quando a Sadia<sup>3</sup> iniciou suas atividades com um pequeno comércio adquirindo dos agricultores que moravam na região vendendo instrumentos de trabalho e mercadorias vindas de fora, dessa forma acumulou capital e começou a industrializar os produtos da lavoura, sendo que, os principais produtos eram o trigo e os suínos. Em 1957 o governo brasileiro enviou representantes aos Estados Unidos para um estágio de formação das novas tecnologias empregadas no setor avícola, bem como as novas práticas de manejo (SILVA, 2011). A partir de informações buscadas no modelo estadunidense da produção avícola industrial, nos anos subsequentes, a avicultura industrial passou por algumas mudanças significativas em questões relativas ao ganho de produtividade, automatização e melhoramento genético das aves,

---

<sup>3</sup> Em maio de 2009 as empresas Sadia e Perdigão assinaram um contrato de fusão criando a Brasil Foods (BRF). Este fato é mencionado neste trabalho apenas como título de informação, pois neste momento esse acontecimento não faz parte do desdobramento desta pesquisa. Apesar da maioria dos trabalhadores entrevistados não utilizam a nova nomenclatura (BR Foods), poucos se lembram da fusão, e quando lembram é com estranhamento. Portanto, durante o desenvolvimento do trabalho optei por deixar o nome antes da fusão para estar mais próxima da concepção da empresa a partir dos trabalhadores.

porém, o modelo de integração dos produtores ainda permanece. Em 1961, ocorreu a primeira experiência de integração com a Sadia, ainda no município de Concórdia, Santa Catarina. Contudo, o processo de integração avícola no Oeste Paranaense começou em 1979.

Por intermédio de um contrato, que especifica às responsabilidades e direitos de ambas as partes, o modo de relação nomeado como integração surgiu no início da década de 1960. Segundo Rosane Toebe Zen (2009, p. 46):

Os avicultores tornam-se integrados à agroindústria por meio de contrato. Este contrato especifica as responsabilidades e direitos de cada uma das partes. Embora a relação entre avicultores e agroindústria esteja, no plano formal, assentada na aparente igualdade, quando analisada mais detidamente fica evidente o subjugo do integrado à integradora.

Para entendermos melhor, o processo de integração é uma nomeação legal, e a partir de um contrato é estabelecido uma relação entre empresa, no caso a Sadia, e avicultor, que se torna um produtor integrado da agroindústria.

Após o processo agroindustrial, a integração vertical perpassa por várias etapas do processo de produção avícola, avançando na industrialização, porém sem modificar a estrutura da produção. Esse modelo de produção foi a maior “inovação” na organização da avicultura industrial, pois se antes os matrizeiros, as fábricas de ração, avicultores, os frigoríficos e todas as etapas necessárias para que o frango chegasse até o mercado, não tinham nenhum tipo de associação, com a verticalização a relação integradora entre empresas e proprietários estaria estabelecida.

Toda essa conjuntura está diretamente relacionada a uma reorganização da dinâmica empregada pela exigência da produção avícola; em comparação a outras produções de carnes, principalmente carne bovina e suína<sup>4</sup>, a produção de aves de corte se torna efetiva e compensatória a partir de uma organização específica, a fim de reduzir custos e aumentar a produtividade, tornando-se umas das atividades mais organizadas do país.

O Paraná encontra-se em destaque nessa estrutura organizada de produção avícola. Esse crescimento está atrelado a questões relativas tanto aos preços da carne de frango, que se tornam mais acessíveis, quanto ao discurso empregado pelo mercado como “um produto mais saudável”. Entretanto, sabemos que a carne de frango passou por uma transformação de melhoramento genético e desenvolvimento de insumos durante todos esses anos. Do mesmo

---

<sup>4</sup> A produção (criação/engorda) da carne suína, também ocorre a partir do modelo de integração.

modo a redução de custos, aumento na produtividade e a conversão alimentar também sofreram variações.

Dentre os diversos fatores que podem influenciar uma boa conversão, de acordo com a demanda da empresa e do mercado, seria o aumento de peso do frango com menor quantidade de ração, no entanto, podem existir interferências externas que estão além do controle do avicultor. Essas interferências estão relacionadas à linhagem e as origens dos ovos, para que o frango tenha resistência durante as fases de crescimento e para uma “boa” carne para o mercado. Outras situações que podem influenciar nos valores da conversão também estão atreladas ao cuidado com o manejo das aves e a manutenção da cama<sup>5</sup> que:

[...] tem como principal função o isolamento térmico entre o piso e as patas das aves, sem deixar de ressaltar a diminuição da umidade, o conforto das aves, a manutenção de micro organismos que equilibram o ambiente protegendo contra enfermidades. (PORTAL SUÍNOS E AVES, 2013).

Esses cuidados são para não formar o “calo de pata” ocasionado pela cama molhada, o índice de mortalidade e, também, o carregamento das aves no final do lote que em alguns momentos pode acontecer arranhões e patas quebradas e isso é contabilizado e minimizado nos valores repassados a partir da conversão. Percebemos que alguns cuidados para um lote bem remunerado estão, de certa forma, atrelados ao manejo das aves, para além de possíveis doenças que podem vir com os ovos<sup>6</sup>. Este trabalho muitas vezes é desenvolvido por trabalhadores, com dedicação permanente, que recebem em média apenas 20%<sup>7</sup> do faturamento deste lote ao final de aproximadamente 60 dias.

Apesar dessas questões expostas acima, verificamos que a avicultura agroindustrial no Paraná tem como intuito tornar essa atividade representativa no mercado, industrializando a matéria prima e especializando a avicultura de modo que a criação de galinhas deixava de ser artesanal<sup>8</sup>, ou seja, as galinhas criadas no quintal de casa tornaram-se “um dos setores de

---

<sup>5</sup> O trabalho de revolvimento da cama deve ser constante, durante todo o período de criação, no sentido de evitar que a mesma se torne úmida, propiciando a formação de placas. Eventuais vazamentos dos bebedouros podem ocorrer por má regulação dos mesmos, portanto devem ser monitorados constantemente. Cf. AVILA, (coord.); GIROTTO, et. al., 2003.

<sup>6</sup> Como é o caso da salmonela.

<sup>7</sup> A remuneração dos trabalhadores entrevistados está em uma média de 20% do valor total do lote, porém sabemos que em outras localidades este valor pode variar.

<sup>8</sup> A galinha caipira por meio da qualidade e palatabilidade dos seus produtos se tornou um dos pratos mais apreciados no Brasil. Ela é criada na quase totalidade dos núcleos agrícolas familiares, alimentando famílias e gerando renda. Por ser uma ave rústica e capaz de suportar adversidades climáticas e resistir a algumas doenças, se torna uma alternativa principalmente para locais com menor infra-estrutura produtiva. Cf. BARBOSA, et. al., 2007.

ponta em tecnologia, produção e produtividade, tanto no abastecimento do mercado interno como nas exportações”. (DALLA COSTA, 2007, p. 87).

Para tanto, Antônio de Pádua Bosi (2011) expõe quatro fatores que contribuíram para tais mudanças:

O barateamento do preço da carne de frango, novas necessidades e noções de higiene que alteraram a compreensão popular sobre o preconceito contra o consumo do frango abatido, o desenvolvimento de uma logística que permitiu uma distribuição nacional mais adequada (isto é, lucrativa) e o emprego de tecnologias que possibilitaram o congelamento sem efeitos colaterais visíveis. (BOSI, 2011, p. 407).

Percebemos que a reorganização do trabalho se faz presente em todos os fatores citados acima, novas tecnologias foram criadas para a manipulação genética objetivando diminuir o tempo de engorda do frango. O resultado disso foi uma evolução na conversão do peso do frango, no qual “fez-se mais nitidamente a partir da década de 1990, quando o peso registrado saltou de 1,9 kg para 2,25 kg em 2000, aproximadamente 19%”. (BOSI, 2011, p. 407). Consequentemente, o investimento com alimentação e imunização dos frangos também tiveram alterações voltadas para componentes que acelerassem o crescimento das aves.

De acordo com Diane Belusso (2010), essa especialização acarretou alterações na estrutura produtiva em dois modos: de um lado “a industrialização do frango que alavancou o faturamento das cooperativas” (BELUSSO, 2011, p.16) e empresas e do outro a intensificação na produção, exigindo cada vez mais dos trabalhadores envolvidos neste processo.

Nesse caso, uma reorganização do processo de trabalho aconteceu articulada a inovações tecnológicas que reduziram o “desperdício” de tempo e de meios de produção. (...) O índice de conversão alimentar igualmente refletiu a intensa inovação tecnológica ocorrida no setor. Resultou disso a diminuição da quantidade de ração necessária ao tempo ideal para engorda dos frangos, numa relação que já foi de 3,5 em 1930, de 2,5 em 1950, de 2,15 em 1970, de 2,05 em 1990, chegando a 1,78 em 2009. Na base tecnológica dessas mudanças estão volumosos esforços de melhoramento genético e desenvolvimento de insumos, ambos controlados por empresas multinacionais oligopolizadas, tais como Tyson Foods, Cobb-Vantress e Hubbard. (BOSI, 2011, p. 401/402).

Nesse processo, o capitalismo faz uma trajetória desenvolvendo-se de modo a atingir as condições de vida da classe trabalhadora, que é a classe explorada pelos proprietários dentro desse sistema.



Desse modo, trabalho sofre uma mudança significativa, uma vez compreendida, como uma questão que está:

(...) intimamente relacionadas às mudanças socioeconômicas e os métodos de produção específicos de cada período histórico e, nos detendo na concepção da atual sociedade em que estamos inseridos, podemos tomar por base a intervenção no processo de produção das teorias fordista/taylorista responsáveis pela organização científica do trabalho controlando o tempo, o custo e o trabalhador, objetivando maior produção e lucro aos capitalistas. Entretanto, no início do século XX, tais padrões de acumulação de capital aumentaram a produção, mas também a exploração. (INÁCIO, 2008, p. 11).

A partir do trecho acima podemos observar como os modelos de produção foram modificando-se e se redefinindo a partir de determinado processo de reorganização da produção e do trabalho, mas mantendo os moldes do modo de produção capitalista.

Sobre esse processo de transformação dos modelos de produção a partir da avicultura industrial, alguns autores discutem acerca de uma especificidade na organização dessa atividade. Dentro de uma concepção marxista, Roselaine Navarro Barrinha da Silva argumenta em sua tese duas questões significativas dentro dessa reorganização: a força de trabalho que deve ser “livre” e as condições de produção devem estar nas mãos do capitalista. Segundo a autora “a combinação dessas duas categorias, que essencialmente envolve a compra da força-de-trabalho pelo capitalista e às condições de produção que resultará na mais-valia” (SILVA, 2011, p. 20). Porém, a autora se refere somente sobre a condição do proprietário nessa situação e em momento algum faz menção às relações de trabalho existente na condição dos trabalhadores, que também estão envolvidos nesse processo.

A partir destas transformações, foi necessária uma reorganização na produção do trabalho dentro do aviário. Com novas tecnologias que:

[...] tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da produção, particularmente nas últimas décadas, que graças a esse avanço tecnológico cria-se uma nova realidade despertando para o surgimento de uma cultura de massa mundial, potencializada pela importância das comunicações. No contexto dessas transformações surge uma nova ordem econômica mundial caracterizada pela mundialização do processo de produção e do consumo, provocando, nesse período, maior e mais rápida circulação de produtos, pessoas e informações. (SILVA, 2011, p. 10).

Consequentemente é preciso uma readequação do manejo com as aves. Em algumas propriedades esse trabalho é desenvolvido no âmbito familiar seja porque a propriedade é

pequena e toda a família da conta do trabalho, ou, como apareceu na fala de um proprietário que eu entrevistei, de que não vale a pena terceirizar esse trabalho por conta dos gastos.

E é este o ponto de partida desta pesquisa. Problematizar o trabalhador que atua ativamente nas atividades do manejo nos aviários, fundamental para o funcionamento de todo o processo de produção e que não tem visibilidade enquanto sujeitos dentro o processo que faz parte da agroindustrialização.

A atividade desenvolvida por esses trabalhadores nos faz refletir sobre toda a inovação tecnológica empregada na avicultura industrial e os contrapontos que existem na realidade cotidiana desses trabalhadores. A maioria dos trabalhadores envolvidos na avicultura teve passagem pelo trabalho agrícola e de certo modo estão ligados com o trabalho no campo. Porém, quando se deparam com as atividades a serem desempenhadas no manejo das aves as suas especificidades a aprendizagem vêm de algumas dicas e orientações, mas geralmente acompanhadas de algum erro, observações, cotidiano e experiência.

Na literatura sobre a temática, muitos autores discutem a problemática que envolve a indústria avícola, contudo, não tem como objetivo a questão dos trabalhadores que tem uma relação estabelecida por meio de “parceria”, apenas amparados por um contrato, identificando-os apenas como apêndice deste processo.

Desde o início do processo de integração em Toledo, em 1979, houve uma variação grande em relação ao crescimento e decadência de integrados; se no primeiro ano de integração havia 144 integrados, salientando que grande parte desses integrados já havia uma relação de integração de suínos, nos dois anos seguintes esses números praticamente dobraram, no período entre 1982 e 1984, os números de integrados mantinham uma quantidade aproximada uma vez que nesse período outras empresas próximas de Toledo, como a COOPAVEL em Cascavel, começaram a aderir o processo de integração. Mas no início da década de 1990 houve um grande salto chegando a 1088 integrados, possivelmente esse salto no número de integrados ocorreu por conta do programa do governo estadual “Panela Cheia”, que incentivou os produtores a construir aviários, assim o mesmo receberia verba para a construção e poderia pagar em sacas de milho pelo preço mínimo região ao governo (BELUSSO, 2010).

No decorrer dos anos seguintes ocorreram pequenas variações nesses números, mas o que nos chama atenção é que, de acordo com a SEAB (Secretaria de Agricultura e Abastecimento), atualmente o município de Toledo e região integra 901 proprietários de aviários, sendo estes espalhados no interior e nos distritos do município.



Sabemos que os números de aviários por propriedade podem variar, no entanto, não foi possível apresentar um mapeamento mais detalhado, pois, esta informação é considerada sigilosa pela SEAB.

De acordo com Diane Belusso (2010), em sua dissertação sobre *A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná*, o crescimento da produção do frango de corte desde 2000 aumentou significativamente (BELUSSO, 2010, p. 81). Percebemos uma disparidade em relação à decadência no número de avicultores integrados e o crescimento disparado da produção anual. O que nos mostra uma intensificação na produção e, conseqüentemente, uma exigência cada vez maior dos trabalhadores envolvidos neste processo, tanto em frigoríficos como no trabalho de manejo das aves dentro dos aviários.

Durante entrevistas realizadas com proprietários de aviários, a Associação dos Avicultores do Oeste do Paraná (AAVIOPAR) foi citada algumas vezes como uma entidade representativa articulada politicamente ao Sindicato Rural Patronal de Toledo. Esta associação, apesar de representar os avicultores da Região Oeste paranaense encontra-se sediada no município de Toledo. Fundada em 21 de novembro de 2007, com o apoio do Sindicato Rural Patronal de Toledo, a AAVIOPAR abrange 12 municípios da região contando com mais de 80% dos integrados associados<sup>9</sup>, “representando interesses não só de integrantes da Sadia S. A. como também dos avicultores de outras empresas (Globoaves, Coopagril, Ceval, Coopavel, Lar e Coopacol)” (TOEBE ZEN, 2009, p. 112).

Para o atual presidente da associação e também integrado da Sadia, Sr. Luiz Ari Bernartt, uma das discussões levantadas na associação é o salário pago para os trabalhadores, estes recebem em média 20% do total da produção, ou seja, o trabalhador recebe um valor X no final de cada lote. Em média um lote dura 40 dias, mais 15 dias de intervalo, então esse trabalhador a cada dois meses, aproximadamente. No entanto, essa medida é entendida pelos associados (proprietários dos aviários) como um estímulo à dedicação no trabalho. A associação quer alterar esse percentual, diminuindo o valor e tendo como base de oferta o valor da renda obtida de acordo com o respectivo lote, portanto, se o lote der um lucro maior o trabalhador receberá uma percentagem um pouco maior, caso contrário, o valor percentual diminuirá.

---

<sup>9</sup> Para ser um associado na AAVIOPAR, é descontado em folha 1,5% do lucro total de cada lote.

Quando conversei com o presidente da associação, ao perguntar sobre os trabalhadores ele demonstrava certo estranhamento sobre meu interesse, pois, para ele, os trabalhadores não são relevantes no que se refere à avicultura, o que importa mesmo são os novos mercados e estratégias de produção. Não há preocupação alguma com a condição do trabalhador em si, e não é a toa que em algumas entrevistas os proprietários estabelecem a renda provinda do aviário como complementar, ou, na visão de alguns proprietários, os aviários são mantidos como um bem empresarial. Como é a situação do senhor Orestes Grespão, que mora em sua propriedade desde 1982 produzindo grãos e está no ramo da avicultura desde 1985. Quando lhe pergunto sobre quais condições financeiras ele optou pela construção dos aviários, ele relata, “Eu não fiz financiamento no ano de 1985 porque eu tinha dinheiro, eu construí dois aviários em dinheiro” (GRESPÃO, 2012). É um pouco intrigante esse relato, pois após 18 anos ele precisou do financiamento para construir o terceiro aviário e equipar os dois anteriores, conforme ele continua relatando:

Orestes: Aí eu paguei com o meu dinheiro, não fiz financiamento, só que depois eu financiei niple<sup>10</sup>, de dois aviários, eu financiei... ah... o cercado que é o isolamento e agora eu financiei as lonas nova, isso em dois aviários, mas o aviário que construí em 2003, esse foi financiado pelo Banco do Brasil, eu tinha dois lá trás e um agora em 2003, esse foi financiado pelo Banco do Brasil. (GRESPÃO, 2012).

Este senhor, proprietário de terras, demonstra a situação colocada no parágrafo anterior. A intenção de construir aviários surge com o interesse de continuar investindo em sua propriedade o que lhe pareceu ser o melhor negócio, naquele momento.

Anteriormente, os avicultores sentiam a necessidade de representatividade do setor, assim criaram a associação, que na perspectiva destes, facilitaria as conquistas dos recursos subsidiados pelo governo, mas sem se desligar do Sindicato Patronal Rural.

Durante a pesquisa, observamos que alguns dos meios de comunicação voltados à avicultura também tem ligação com a política. É o caso da Revista do Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná (SINDIAVIPAR), que tem como atual vice-presidente o Deputado Federal Alfredo Kaefer (PSDB)<sup>11</sup>. Conforme destaca Diane Belusso, “Tais parlamentares se beneficiam eleitoralmente disto, por se tratar, o Oeste Paranaense, de uma área de concentração de produtores agropecuários”. (BELUSSO, 2010, p. 132).

---

<sup>10</sup> Bebedouro.

<sup>11</sup> O Deputado Federal Alfredo Kaefer compõe a Agroindústria Kaefer, controladora da Globoaves, de Cascavel e da Diplomata em Capanema.

Até aqui percebemos uma lógica do capitalismo contemporâneo se fazendo presente na avicultura industrial, com existência de uma relação estabelecida entre indústria e o avicultor, mas as empresas ainda possuem maior controle sobre os avicultores. O que reflete nesta questão é a mobilização que os proprietários organizaram para fazer suas reivindicações pautadas de um caráter substancialmente econômico. Quanto ao trabalhador empregado nas propriedades, parece que as condições em relação à moradia e remuneração “já são suficientes”, pois a moradia é concedida sem custos e isso inclui também as despesas com água, luz, telefone e um lugarzinho para hortaliças. Mas é evidente que esses auxílios são costumeiros para quem mora no interior, portanto, não é nada além do normal. Não há uma discussão para regularização e padronização de muitos empregados que trabalham a partir de contrato<sup>12</sup> com a promessa de assinar a carteira após um tempo de experiência. De modo a não generalizar, pois em algumas visitas em propriedades encontramos trabalhadores que eram registrados, mas de colocar em debate as irregularidades que ainda encontram-se pendentes.

Algumas prestações de serviços da associação estão ligadas a alguns políticos da região. Por exemplo, quem é associado à AAVIOPAR pode usufruir de alguns serviços, como, um caminhão, que ajuda a fazer a limpeza dentro dos aviários, esse foi adquirido pelo governo estadual, através da prefeitura, e só pode ser utilizado pelos associados.

Na história do capitalismo as escalas locais e gerais estão articuladas em uma mesma totalidade. Nesse processo, incide em transformações sobre as condições de vida da classe trabalhadora, que por sua vez, é a base explorada. De acordo com Salette I. Inácio (2008, p. 02):

À medida que essa sociedade vai se estruturando, o mundo do trabalho, também, passa por mutação profunda que altera o modo como às pessoas trabalham o significado do trabalho nas suas vidas, a organização da classe trabalhadora, as diferentes práticas sociais e as normas que a regulamentam. Transformações estas provocadas pela introdução da chamada automação, técnicas de gerenciamento e novos métodos de administração do trabalho e da produção que acompanham o desenvolvimento do capitalismo.

Edward Palmer Thompson (1998) discute essa expropriação do tempo do trabalhador em seu texto *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*, pois, se em outros momentos havia, também, uma expropriação da mão de obra, hoje no trabalho avícola, que vem se estabelecendo cada vez mais rápido na reorganização do trabalho, que está diretamente condicionado na disponibilidade integral do sujeito, disciplinando-o e alterando

---

<sup>12</sup> Essa característica do trabalho a partir do contrato é feita, necessariamente, entre empresa e proprietário.

seu cotidiano e costumes. Hoje o trabalhador acorda com o canto do “galo eletrônico” – o alarme do aviário – que pode disparar a qualquer momento do dia ou da noite e que, sem pestanejar, o sujeito tem que verificar a ocorrência. Nesta conjuntura, a condição do trabalho está além dos limites de esforço físico. Karl Marx (1996) explora essa problemática em sua obra *O Capital*, em que:

O prolongamento da jornada de trabalho esbarra em limites morais. O trabalhador precisa de tempo para satisfazer as necessidades espirituais e sociais, cuja extensão e número são determinados pelo nível geral de cultura. (MARX, 1996, p. 329).

Portanto, a jornada de trabalho também está engajada em uma questão social. Thompson (1998) afirma que esses valores agora condicionados ao tempo são definidos em que “[...] o empregador deve *usar* o tempo de sua mão de obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro” (THOMPSON, 1998, p. 272). A partir disso, podemos perceber uma característica primária do regime capitalista: a extração da mais-valia absoluta, no qual, aumenta a jornada de trabalho dos sujeitos sem aumento na remuneração.

No caso do trabalho avícola, o sujeito dedica seu tempo para manter-se em tempo integral disponível às ocorrências, como a queda de energia ou mudanças climáticas repentinas, que pode acarretar em grandes perdas no faturamento da produção daquele lote. Portanto, é fundamental que pelo menos uma pessoa esteja alerta para qualquer imprevisto. Neste aspecto, não é apenas uma análise de mudanças tecnológicas que exige uma disciplina rotineira, mas também “estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a mediação do tempo como meio de exploração da mão de obra”. (THOMPSON, 1998, p. 289).

Essa disciplina muitas vezes acaba sendo apropriada por intermediações direta do patrão e da empresa. Essa situação é uma consequência do sistema capitalista vigente, no qual, atua diretamente nos modelos de trabalho na produção, de modo a impor condições que impossibilite o trabalhador em seguir de outros modos, caso contrário, as consequências são sentidas diretamente no bolso. Novamente, Marx (1996, p. 304) explica essa conjuntura:

O trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida de que o trabalho se realize em ordem e os meios de produção sejam empregados conforme seus fins, portanto, que não seja desperdiçada matéria-prima e que o instrumento de trabalho seja preservado, isto é, só seja destruído.

O município de Toledo, como outras cidades da região Oeste Paranaense, desenvolveu-se a partir de uma intensificação econômica do país em uma conjuntura do impulso agroindustrial, no qual a relação entre campo e cidade é um dos motores que movimenta a economia deste município, também empregando grande parte dos trabalhadores em indústrias alimentícias.

No capítulo seguinte, a partir da análise das entrevistas realizadas com os trabalhadores do ramo da avicultura, tentaremos entender como que esses sujeitos estão inseridos nessa conjuntura da agroindustrial.



## CAPÍTULO II

### RELAÇÕES DE TRABALHO NA AVICULTURA EM TOLEDO-PR

Como vimos no capítulo anterior, a intensificação da produção afeta, conseqüentemente, a reorganização do trabalho e a vida dos sujeitos que estão inseridos neste processo. Partindo desta premissa, entendemos que a necessidade de investigar como esses trabalhadores sentem, convivem e atribuem seus significados para o trabalho na avicultura, torna-se fundamental.

Portanto, neste segundo capítulo abordo questões da vivência dos trabalhadores do setor avícola tendo como objetivo problematizar e interpretar as relações de trabalho e a experiência social de trabalhadores vinculados à avicultura de Toledo.

No total foram produzidas oito entrevistas em propriedades que variavam entre aviários completamente automáticos<sup>13</sup> ou apenas uma com alguns equipamentos automáticos. A primeira foi com um conhecido de meu pai, que me acompanhou na produção da entrevista, o senhor Orestes Grespão, mencionado no início do primeiro capítulo. O senhor Orestes mora com a esposa desde 1982, em sua propriedade, localizada na Linha Caça e Pesca, no interior do município de Toledo. Na mesma propriedade residem os dois filhos, em casas separadas, os quais não exercem mais atividades rurais, pois são concursados e trabalham na área urbana, na prefeitura municipal. Além da atividade avícola, que começou em 1985 com a construção de dois aviários com recursos próprios e o terceiro construído em 2003 com financiamento do Banco do Brasil, ele trabalha com lavoura. Mas, desde os últimos anos, o senhor Orestes não trabalha diretamente com o manejo das aves, pois para isso emprega um casal de trabalhadores, o senhor José Marcioto e a dona Lenir Marcioto, que também moram uma casa na propriedade. Com o casal de trabalhadores também foi feita uma entrevista e esta, posteriormente, será discutida. Uma das questões que nos chamou atenção na entrevista do senhor Oreste é a justificativa que ele formula para construir os aviários:

Cintia: Ah, e por que o senhor escolheu ser integrado da Sadia?

Orestes: Eu escolhi porque era um meio da pessoa ter mais ganho, né?! [...] eu achei que deveria fazer os aviário pra mim viver, quer dizer, então foi

---

<sup>13</sup> Com a automação dos aviários, vários trabalhos braçais tornaram-se desnecessários, por exemplo, os bebedouros que, quando manuais era preciso lavá-los diariamente, hoje existem os bebedouros automáticos que são chamados de niple. Do mesmo modo com os comedouros e os procedimentos de aquecimento e refrigeração do aviário.

mais uma renda, eu tinha terra e apareceu aquilo em vez de botar qualquer outra indústria ou qualquer outra coisa eu parti por ali, como tem o suinocultor que também constrói os chiqueiros é uma renda. (GRESPÃO, 2012).

O entrevistado interpreta os investimentos da construção dos aviários como uma empresa, onde poderá investir seu dinheiro em mais um “negócio” para gerar renda. Essa questão nos mostra um contraponto no sentido do trabalho no aviário a partir da perspectiva positiva atribuído pelo trabalhador, mesmo diante de algumas dificuldades e fatores que condicionam a vida dos trabalhadores que atuam no ramo da avicultura. Podemos verificar esse aspecto até mesmo na fala de alguns proprietários entrevistados que reconhecem as dificuldades enfrentadas pelos seus empregados, conforme a narrativa do senhor Orestes que demonstra claramente a permanência do trabalhador na atividade:

Orestes: [...] o empregado que trabalha lá dentro dia e noite, que o empregado ali dentro não tem hora e nem dia, não tem frio não tem calor, é 24 horas no aviário o cara tem que tá lá. Recebe o pintinho hoje até que não sai o pintinho, 42 ou 43 dias, é 24 horas por dia que tem que tá ali, por que é quente, quente uma barbaridade e tá tudo ligado e pá, cai a energia, o empregado tem que correr, abaixar as cortinas, se não os pintos morrem logo. Baixa tudo as cortinas e a sirene que toca e... quando vem a energia corre levantar as cortinas, fechar de novo. Quando é frio, no inverno, frio a noite fria, gelada, os pintinhos tão com 10, 12 dias, tem que levantar duas ou três vezes por noite ir dentro do aviário e fazer fogo nos forno pro forno aquecer os bichinho, é que nem nós, puxa mais uma coberta quando tá frio, né?! ou mais um cobertor, e os pintinhos é a mesma coisa. (GRESPÃO, 2012).

Em outra entrevista realizada no Distrito de Bom Princípio, com o proprietário, que não emprega outros trabalhadores na atividade avícola, Adalto Teodoro que mora com a sua esposa e um filho pequeno, na mesma propriedade também moram sua mãe e seu irmão, porém, em outra casa. Cheguei a essa propriedade apenas por informações de conhecidos que já haviam visto aviários nesse lugar<sup>14</sup>. Portanto, sem prévio contato, chegava à casa do sujeito e explicava os motivos da visita. Reparei que sempre tive uma receptividade amigável e prontificada para alguns momentos de conversa, e isso ocorreu em todas as outras entrevistas.

Durante a conversa com o senhor Adalto, perguntei se as propriedades próximas daquele local eram somente de proprietários que não empregavam terceiros ou se também havia outros trabalhadores empregados na atividade avícola, ele traz uma questão já exposta

---

<sup>14</sup> Não foi possível fazer um roteiro de propriedades a serem visitadas, pois somente a SEAB tinha essas informações, mas não poderiam ser repassadas por se tratarem de informações sigilosas.

nos parágrafos acima sobre essa relação, e acrescenta que alguns proprietários preferem trabalhar com manejo das aves, ou seja, não empregarem outras pessoas, pois:

Adalto: [...] o funcionário não quer trabalhar, o pessoal aqui, o empregado não fica, não para né, é muito compromisso pra não receber tanto né, na verdade não tem como pagar, se fosse pagar o justo do que um funcionário cuida ele não teria como, né pagar muito, daí tem que pagar muito, extra tudo né, é muito. (TEODORO, 2013).

A partir do trecho acima e da fala do senhor Orestes, podemos perceber que a condição de trabalho e a remuneração paga não são coerentes. No trecho “o funcionário não quer trabalhar” o próprio proprietário admite que sejam “muitos compromissos para não receber tanto”, inclusive as horas extras necessárias.

Os aspectos e seus contrapontos, discutidos acima, constituíram-se a partir das falas dos trabalhadores que vivenciam toda conjuntura empregada no labor do trabalho avícola.

Observamos que a maioria dos entrevistados já teve algum contato com trabalho no campo, e/ou até mesmo em outros aviários, como é o caso da senhora Leonir Pontiado, de 38 anos, e seu esposo Ilário 44 anos, eles têm dois filhos que ajudam com o trabalho nos aviários e moram nessa propriedade há seis anos:

Cintia: O que vocês faziam antes?

Leonir: A gente tinha o nosso próprio aviário em São Pedro né, só que daí era uma... daí começa a inviabilizar né num...

Cintia: daí o que aconteceu?

Leonir: que vira despesa né, porque vira despesa, você tem que ficar investindo, investindo e um já tá... eles nem querem mais um tem que ter mais aviários né.

Cintia: e o que vocês faziam antes de ter esses a viário lá em São Pedro?

Leonir: Ah, daí a gente só trabalhava com lavoura né.

Cintia: vocês sempre trabalharam com..

Leonir: Na agricultura é

Cintia: soja, milho...

Leonir: é soja, milho.

Cintia: era de vocês mesmo?

Leonir: é antes era nosso mesmo, daí nos chegamos à conclusão que era melhor trabalhar de empregado né. (PONTIADO, 2013).

A entrevistada acima demonstra sua insatisfação quanto às exigências de investimento para manutenção do aviário, e por consequência destas exigências, acabou tornando-se

inviável o trabalho enquanto proprietários<sup>15</sup> naquele momento, e então decidiram trabalhar como empregados, pois na concepção deles, o trabalho como empregado é um modo de garantir uma renda, conforme a mesma expõe:

Leonir: Ah, melhor porque é uma renda mais garantida né, porque, antes queima alguma coisa a gente tem que tê o dinheiro lá, fazer os investimentos né e se não tem que ficar financiando a gente tem que fica assim, tem que ter o dinheiro né são pobre não tem mais, é só trabaia de empregado mesmo. (PONTIADO, 2013).

Isso nos remete a uma questão posta nos parágrafos anteriores: é a vontade de permanecer no campo que mantém esses sujeitos submetidos ao trabalho avícola? Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo outras questões apareceram, por exemplo, se a propriedade em que a família vivia anteriormente foi vendida? Ou foi trocada por algum bem ou em pagamento de dívidas? Algumas dessas questões foram surgindo depois, mas, por falta de tempo, não pude voltar a entrevistá-los.

Entrevistamos também o senhor José Marcioto de 33 anos. A trajetória ocupacional desse trabalhador é bastante diversificada. Aos 14 anos morava no sítio com os pais, quando fez 16 anos mudou-se para a cidade e começou a trabalhar no comércio, depois no frigorífico da Sadia, marceneiro, até chegar a um restaurante no qual o patrão é o dono da propriedade em que ele mora agora, o mesmo fez a proposta de trabalhar com o aviário e a manutenção da propriedade e há sete meses (tempo de três lotes), a família deste trabalhador encontra-se envolvida na atividade avícola.

Cintia: Onde você morava antes?

José: Eu morava aí em Toledo mesmo, né. É... morava na cidade lá, trabalhava num...trabalhava num restaurante, do patrão mesmo aqui, né, restaurante de peixe eu fazia entrega lá, aí o irmão dele cuidava aqui aí tava pra sair daí ele fez a proposta se eu não queria vir aí cuidar pra ele. Daí conversei com a mulher, ela resolveu vir, daí viemo daí.

Cintia: Ah, tá... e... antes do restaurante você trabalhava com que?

José: Trabalhei na Sadia já, trabalhei... mexendo com obras, marcenaria.

Cintia: experiência com agricultura, com a terra você não tinha?!

José: É... só quando eu tinha uns 14 anos, que morava no interior, né. Fiquei um tempo no seminário também, né.

Cintia: Uhum.

José: Aí fiz 16 anos e fui pra cidade né, daí desde os 16 anos até agora tô na cidade. Aí trabalhei em comércio... (MARCIOTO, 2013).

---

<sup>15</sup> Antes de se mudarem para a propriedade atual, o casal era proprietário de outro aviário no município de São Pedro – Toledo. A entrevistada justifica a desistência de trabalhar no próprio aviário a partir das exigências na renovação tecnológica e ampliação de mais um aviário (só tinha um), feitas pela empresa integradora.

No caso deste casal de trabalhadores, o trabalho desenvolvido na propriedade abrangia, além do aviário, o trabalho com suínos, o cuidado de quatro açudes e ainda a manutenção da propriedade, desde atividades como fazer cerca até o corte da grama. Para tudo isso, esse trabalhador recebe uma porcentagem de um aviário de 100 metros com capacidade de 15.600 frangos por lote, mais uma porcentagem dos açudes, do chiqueirão e um salário fixo pela manutenção da propriedade de aproximadamente um alqueire e meio. Com dois filhos pequenos, a ajuda que tem para dar conta de todas as obrigações é vinda somente de sua esposa, que o ajuda com o manejo das aves esporadicamente, pois contribui no complemento da renda familiar trabalhando duas vezes por semana na casa do patrão.

Todos os trabalhos realizados por este casal estão assegurados, enquanto vínculo empregatício, apenas na carteira assinada da dona Leila, que desempenha na maioria do tempo a atividade de diarista duas vezes por semana até o momento da concessão da entrevista, alguns meses depois retornei a propriedade e fui informada pelo senhor José de que a mesma estava exercendo essa atividade diariamente. O fato em questão é que, o registro consta como “assistente agropecuária” e o trabalho desenvolvido pelo senhor José está afirmado como parceiro, mas apenas com acerto de palavras entre ele e o patrão, sem nenhum outro tipo de registro. Quando o questionei sobre esse tipo de relação trabalhista o mesmo demonstrou-se conformado com a situação e que o seu seguro social (INSS) era pago a parte por ele mesmo. Podemos observar aqui, que a relação nomeada como parceria, (no qual o trabalhador recebe o seu salário somente pela produção), entre o trabalhador e o patrão omite vários direitos trabalhistas, e que isso se confirma na omissão de maiores informações sobre essa relação.

O valor recebido por este trabalhador pelo trabalho desempenhado no aviário segue um valor de 20%, líquido, em cima do cálculo de conversão alimentar feito pela empresa <sup>16</sup>. Essa porcentagem recebida pelo trabalhador vem da conversão feita através da engorda do frango, durante os 40 dias do lote. Essa maneira de quantificar o lucro do proprietário e posteriormente o salário do empregado está completamente condicionada aos cuidados e ao manejo das aves durante as várias fases necessárias para o crescimento e engorda. E o trabalhador tem ciência desses fatores, conforme a continuação do relato do senhor José:

José: Pela conversão sabe então quanto mais cuidado você tiver melhor, né, porque tem que cuidar da temperatura, e... ideal né, tem que manter sempre a

---

<sup>16</sup> Segundo Rosane Toebe Zen (2009, p. 86), o cálculo “consiste na capacidade de transformar “x” quilos de ração em “x” quilos de frango, e quanto mais quilos de frango forem produzidos, utilizando a menor quantidade de ração, melhores serão os rendimentos dos avicultores”.

temperatura ideal pra eles e cuidar muito cá cama, sempre mexer pra deixar sempre fofinha, né, então não deixar criar cascão porque se não da calo de pata e daí é complicado porque daí começa a machucar os pé e não consegue mais caminhar pra... pra... pra se alimentar né, beber água e daí onde nós já perdemos o lote daí e cria gases também lá dentro, né. Se você deixar com muita umidade. Então é... o cuidado é 40 dias o lote ali é... tem que ficar atento 24 horas por dia. [...] tem o alarme no caso se der algum problema de acabar a energia, você tem que ir na hora ver os pintinhos se não... Eles tão... eles vão sair está noite aqui, 41 dias já então nessa fase que eles já estão grandes eles tão bem abafado lá dentro se acabar a energia e não tiver ninguém em casa, alguma coisa demora pra abrir as cortinas é questão de meia hora, uma hora... perde o lote inteiro, morre tudo [...]. (MARCIO TO, 2013).

No entanto, observamos que este valor só é disponível ao final de cada lote somado aos dias de intervalo que geralmente são entre 10 a 15 dias:

Cintia: É... quantos por cento você recebe pelo aviário?

José: É ele paga 20 por cento. [...] Aí geralmente 10 dias depois que abateu já cai na conta daí do patrão.

Cintia: Então vocês recebem a cada quarenta dias?!

José: Num dá quarenta dias... dá mais do que quarenta dias, cada lote você pode contar 2 meses, que são 40 dias de criação ali mais 10, 15 dias de intervalo...

Cintia: então vocês recebem a cada dois meses?

José: Do aviário sim, tira a cada dois meses né, porque 40 dias pra engorda e mais 10, 15 dias de intervalo dá 60 dias. Então, na verdade, o que você tira ali você tem que dividir por 2 pra tirar uma renda mensal, pra tirar uma renda mensal no caso, né. (MARCIO TO, 2013).

O exemplo de trajetória ocupacional do entrevistado acima nos faz refletir acerca da seguinte questão: se fizéssemos o cálculo do valor recebido pelo trabalho desenvolvido no aviário e dividíssemos por dois, será que todo esse trabalho compensaria? Para ter uma boa renda esse sujeito precisa se submeter a um trabalho que o condicione a dedicar-se integralmente a uma atividade, se compararmos ao trabalho na cidade, e ainda assim, esse trabalhador não participa do momento em que é feito esses cálculos, cabendo a ele somente o conhecimento do valor final do cheque quando o pagamento é efetuado. Portanto, esses trabalhadores não têm domínio sobre o seu pagamento.

O número de variáveis (clima, temperatura, tipo da ração, tipo e qualidade das aves de um dia, tempo de duração do lote, incidência ou não de doenças, tratamento adequado das anomalias, etc.) é muito grande, de difícil mensuração e controle, e todos os cálculos incidem diretamente sobre a produtividade. (TOEBE ZEN, 2009, p. 76).

Nesta situação descrita acima, percebemos que o trabalhador não tem nenhum controle sobre os cálculos que irão determinar sua renda, mas, por outro lado, a agroindústria mais uma vez tem a liberdade de fazer esse cálculo com a considerandando o que achar coerente.

Essa forma de pagamento, a partir de uma porcentagem no final do intervalo do respectivo lote, apresentou-se na maioria das entrevistas realizadas com os trabalhadores. Porém, em outra entrevista realizada com um casal que mora na localidade da Linha Flórida, interior de Toledo encontramos uma situação um pouco diferente. A senhora Lucilene Silva, de 30 anos, e o seu esposo Ailton Silva, de 32 anos, trabalham a quatro anos nessa propriedade; recebem um salário fixo e mais 20% para cuidar de dois aviários de 100 metros cada, com capacidade de 15 mil frangos por lote. Antes de trabalhar nesta propriedade o casal também trabalhava com avicultura no município de Jesuítas, na propriedade pertencente à mãe de dona Lucilene, mas semelhante ao caso do casal Leonir e Ilário, citados nos parágrafos acima, na propriedade havia apenas um aviário e a oportunidade de trabalhar cuidando de dois aviários pareceu-lhes mais lucrativa.

O casal tem uma filha pequena com apenas quatro anos, portanto, o trabalho com o manejo das aves, dos dois aviários, é dividido apenas entre os dois, de acordo com a rotina exposta por ambos:

Lucilene: É tem que ter cuidado a ambiência deles né, aí uma vez por semana você faz pesagem, ração... água... você vê se tá a quantidade certa né, a vazão de água nos nípel. É assim que funciona né, controla o frango quanto ele come, faz a compostagem... essa é a rotina. (SILVA, 2013).

A partir do trecho acima, observamos que o trabalho na avicultura envolve diversos aspectos para além da engorda do frango. O exemplo disso é o processo da compostagem que é a fase posterior da recolhida dos frangos mortos de dentro do aviário, conforme o trecho da entrevista abaixo:

Cintia: Você pode explicar um pouquinho como que é a compostagem?

Ailton: Compostagem é... os frango que morrem, cê faz a compostagem do frango que morre, então ele é jogado na natureza então você faz ela lá aí deixa fechada e depois de 90 dias ele já virá adubo. (SILVA, 2013).

Perante todas as atividades desempenhadas por estes trabalhadores descritas até então, é evidente que o tempo destinado ao trabalho é significativamente exclusivo. Mas, sabemos que as pessoas necessitam de um momento para o lazer. Durante a entrevista

podemos perceber que os momentos de lazer ficam condicionados ao período de intervalo do lote e, nessa perspectiva, pergunto a dona Lucilene sobre os momentos de descanso e atenção à família:

Cintia: É como é o tempo livre de vocês? Vocês têm um tempo livre pra passear?

Lucilene: Tem...tem...

Cintia: E quando tem o intervalo do lote vocês ficam tranquilos?

Ailton: Tranquilo não, a gente trabalha também. A gente tem aquela obrigação de tá aqui.

Cintia: O que vocês fazem no intervalo de um lote pro outro?

Ailton: A gente tem que preparar o barracão pro lote novo! (SILVA, 2013).

Em outro momento, entrevistei um casal na Linha Flórida, interior de Toledo, o senhor Genival Guerra dos Santos, de 34 anos e a sua esposa a dona Vera Guerra dos Santos, de 35 anos, ambos vieram de uma trajetória ocupacional provinda do campo, trabalharam como empregados durante 12 anos e meio com vaca leiteira, mas ao receber a proposta de trabalhar no aviário, aceitaram por parecer mais viável financeiramente, mas antes trabalharam na produção de uma empresa farmacêutica na cidade de Toledo. No período da entrevista havia apenas dois meses que o casal, com um filho adolescente, estava naquela propriedade, na qual são responsáveis por quatro aviários de 100 metros cada, com capacidade de 16 mil frangos por lote. Os frangos estavam no período final do lote, seria o primeiro lote deles. Pergunto-lhes sobre a rotina deles diante do trabalho com o manejo das aves, e assim eles descrevem:

Genival: Ah é muito bom né em vista dos outros..

Vera: eu também to gostando.

Cintia: É? E como que é o trabalho dentro do aviário, como que é o manejo dos pintinhos? O que vocês precisam fazer?

Genival: Ali quando ele chega pequenininho a gente tem o trabalho de fazer fica na temperatura né.

Genival: daí até os 15, 20 dias então tem que colocar lenha no forno. Aí depois desses 15, 20 dia aí não precisa mais forno né só... aí é só cuida da temperatura né, porque é tudo automático.

Cintia: ah é tudo automático?

Genival: é a gente não faz nada, é só cuida da temperatura, e se cai alguma chave lá o alarme toca e vai lá vê, liga a chave e não tem mais o que fazer. (SANTOS, 2013).

A partir desse trecho, observamos a tecnologia empregada no trabalho desses sujeitos. O senhor Genival ao dizer “é a gente não faz nada”, por se tratar de um aviário automático, o trabalho moroso e braçal parece não existir mais e essa característica que faz com que o



trabalho avícola seja melhor em vista dos outros. No entanto, essa perspectiva abre espaço para a disciplinarização do tempo, já abordada no primeiro capítulo, trás uma ilusão de pouco trabalho, pois a atividade exigida nesse tipo de tecnologia disponível nos aviários condiciona o trabalhador à permanência, principalmente, enquanto observadores atentos. O preenchimento de fichas com informações sobre a quantidade de ração e água consumida pelos frangos tem que ser atualizadas diariamente. Os imprevistos são avisados por alarmes instalados em todos os aviários, conforme o senhor Genival expõe:

Genival: Quando acontece alguma coisa toca o alarme né, pode tá aqui em casa assistindo, se liga lá se vai lá vê cada aviário tem um...

Vera: tem que ficar atenta né, durante o dia e a noite também.

Cintia: então tem que ficar sempre alerta?

Genival: sim. (SANTOS, 2013).

Portanto, mesmo com a automação dos aviários, a dedicação desses trabalhadores continua exclusiva. E os momentos para o lazer ficam atrelados a, talvez, um final de semana durante o intervalo. Mas essa “folga” só acontece quando esses trabalhadores dão conta de deixar o aviário preparado para receber o próximo lote e esse preparo pode demorar até uma semana e, se compararmos com o período médio de dez dias do intervalo de um lote, será apenas três dias que esses sujeitos terão para usufruir de momentos de lazer fora de casa.

Diante de todas as questões colocadas até então, entendemos que o trabalhador não tem uma carga horária definida, mas todos os fatores presentes na conjuntura do seu trabalho são suficientes, e parece ser a única certeza que eles possam ter, para que esses sujeitos compreendam que o resultado de um bom lote, em suma, está condicionado a necessidade da dedicação integral, 24 horas por dia e sete dias por semana, a ser exercida não somente com o manejo das aves, mas com o cuidado e atenção direcionadas aos possíveis imprevistos.

Outra questão que observamos é o fato de que, em todas as propriedades visitadas a casa dos trabalhadores é constituída por famílias. Algumas ainda contam com o auxílio dos filhos no trabalho cotidiano, mas tem a pretensão de estudar para buscar outras oportunidades, e em outras, os filhos já se casaram e foram embora para cidade.

Sobre os fatores relacionados à remuneração, nos intrigou o modo como estes trabalhadores refletem sobre todo trabalho desenvolvido durante um lote e os intervalos. Não há reclamações acerca do valor da remuneração em relação às atividades desenvolvidas, em alguns momentos percebemos que eles sentem o esforço e a dedicação exigida no trabalho avícola, mas em comparação a outros trabalhos na cidade, por exemplo, nas fábricas e frigoríficos, este ainda compensa mais por fatores expostos na fala da maioria dos

trabalhadores entrevistados. Mas apesar da moradia ser gratuita, incluído os gastos como água e luz <sup>17</sup>, a necessidade de dedicar-se ao manejo com as aves é fundamental. Conforme o processo ocupacional do trabalho avícola descrito pelo, já mencionado, senhor José:

José: Então a gente levanta perto das sete horas, primeira coisa é ir lá ver como tá a temperatura né, daí a gente checa tudo ver se tá ideal no momento e tal e a segunda coisa que eu faço é... arrumo o aviário todo pra... pra... catar os mortos né, todo dia tem mortos né, morre um e outro sempre morre uns 15, 20 frango né, então... não é possível não morrer nenhum. E daí a gente cata os mortos, isso no caso eu né, ela ajuda mais no intervalo do aviário, e... daí faz a compostagem dos mortos né, tem a composteira lá trás e... daí a gente vai fazendo a manutenção né, que tipo é tudo automático mais... sempre dá uns problema né, o comedouro é automático só que sempre dá problema, um caracol que não manda ração, a parte elétrica sempre dá algum probleminha [...], então da muita manutenção né, então geralmente quem tem vários aviários paga uma pessoa pra fazer manutenção né, só pra fazer manutenção e como aqui no caso é só um aviário, eu cuido do aviário e faço a manutenção também então sempre tem a manutenção pra fazer, tem que corta grama, limpa a chácara e... é mais ou menos isso aí. (MARCITO, 2013).

Mesmo que atualmente a maioria dos aviários é total ou parcialmente automatizada, a atenção ainda é um fundamental na conjuntura desempenhada pelo trabalhador. Sua dedicação também se intensifica nos períodos de intervalos de um lote para o outro, que normalmente é de 10 a 15 dias, mas também podem ser reduzidos a oito ou cinco dias de acordo com a demanda da empresa, e quando esse período é reduzido, o trabalhador tem que dobrar o seu tempo dedicado ao serviço, a fim de dar conta de todo o trabalho de renovação da cama e os cercados para receber os novos pintinhos, que o desempenharia em 15 dias, mas que foi reduzido pela metade.

Percebemos que existe uma falsa ideia de que o período de intervalo do lote é mais tranquilo, e por isso o trabalhador poderia ter o seu momento de lazer com a família. Verificamos abaixo que não é bem assim.

Nas entrevistas, quando pergunto sobre os momentos de lazer da família as resposta foram diversas, mas direcionadas ao mesmo sentido. Abaixo um trecho da entrevista realizada com outro casal que mora na propriedade há 11 anos. Com dois filhos já casados, que não tiveram interesse em permanecer no campo, o casal já havia trabalhado três anos em outro aviário, como empregados, no entanto, a propriedade era arrendada, e quando o contrato venceu o patrão teve que sair e conseqüentemente eles tiveram que sair também.

---

<sup>17</sup> Sabemos que essa forma de moradia é normal entre as propriedades que desenvolvem trabalho no campo.

Cintia: Ah tá então o aviário disponibiliza um tempo pra lazer... pra vocês...  
 Lenir: Ah, em casa né, mas não pode sair de casa.  
 José: Se tiver frango grande não pode sair né.  
 Lenir: Não pode sair de casa.  
 José: Tem que ficar por ae.  
 Lenir: O lazer nosso...  
 Cintia: por que não pode?  
 Lenir: O lazer nosso, enquanto tiver pinto... não tem lazer pra nós...  
 José: Por causa que os aviário é fechado  
 Lenir: É fechada, a cortina é fechada.  
 José: Chegar a cair a energia meia hora...  
 Lenir: Eles já morrem se cai a energia...  
 Lenir: E que se cai a luz tem a buzina né  
 José: Têm o alarme.  
 Lenir: Daí ele buzina, pode ser tarde da noite ou na hora que se... deu a queda da luz o alarme dispara. (SARTORI, 2012).

Mesmo com a automação da maioria dos aviários, a necessidade de permanecer atento parece que aumenta. Outro trecho de outra entrevista nos chamou atenção, quanto a essa questão: “[...] é porque ali é 24 horas sempre observando, a gente vai dormir, mas o exaustor tá sempre funcionando, os comedor tão funcionando, lâmpada funcionando [...]”. (MARCIOTO, 2013). Ou seja, no caso do trabalho avícola, o sujeito abdica seu tempo para manter-se, em tempo integral, disponível às ocorrências, como a queda de energia ou mudanças climáticas repentinas que podem acarretar grandes perdas no faturamento da produção daquele lote. Portanto, é fundamental que pelo menos uma pessoa se prontifique a ficar em alerta para qualquer imprevisto. Neste aspecto, não é apenas uma análise de mudanças tecnológicas e automação que exige uma disciplina rotineira, mas também “estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a mediação do tempo como meio de exploração da mão de obra”. (THOMPSON, 1998, p. 289).

Diante das condicionantes expostas acima, procuramos entender em quais momentos o trabalho na avicultura é melhor do que qualquer outro, na concepção desses trabalhadores, uma vez que, na fala da maioria dos entrevistados, quando questionados se as expectativas de vida que eles tinham no trabalho avícola estavam sendo positivas, todos alegam que sim, pois em comparação ao trabalho na cidade, no campo você está isento de determinadas despesas básicas: água, luz e moradia e também algumas hortaliças que podem plantar para o próprio consumo além da quantidade permitida de 15 a 20 frangos, por lote, que podem ser consumidos pela família contribuindo para uma redução de custos na alimentação. Assim sobra um “dinheirinho” para comprar uma moto ou carro.

Percebemos que a aquisição de alguns bens materiais foi interpretada por esses trabalhadores como uma ascensão do nível de vida. Poder comprar uma moto ou carro ainda não era possível quando trabalhava como empregado nas lavouras, ou tirando leite, ou até mesmo, como apareceu na fala de alguns entrevistados, quando trabalhavam no comércio ou empresas na cidade.

Observamos aí uma contradição. Se de um lado o trabalho na avicultura pode proporcionar a aquisição desses bens materiais, de outro, os momentos de lazer são frustrados pela necessidade imposta pelo trabalho avícola no condicionamento a permanência deste trabalhador na propriedade, fazendo com que os momentos de lazer sejam reduzidos a ficar em casa, ou um final de semana corrido entre uma folga entre um intervalo e outro, conforme a fala do senhor José Marcioto:

José: É nessa parte é mais complicada pra quem cuida de aviário, né! Por que... tipo... a gente tem sorte que os parente gostam bastante de vir aqui né, os amigos (risos) mas pra gente sair, nesse meio tempo, sai ela só ou sai eu, um tem que ficar né.

Leila: Mas tem saída depois do lote né.

José: É daí no caso o intervalo do lote né, que não tem aquele comprometimento de ficar ali se acaba a energia por aí a gente pode sair... daí a gente pode sair final de semana no caso trabalho no meio de semana e no sábado e domingo a gente sai. Mas geralmente é um final de semana que a gente pega no intervalo né, um final de semana tem que aproveitar esse final de semana aí... da uma viajada. Fazer alguma coisa assim, se não a gente fica por aí sempre... final de semana... (MARCIO TO, 2013).

Fica evidente que o entrevistado tem ciência que esse tipo de rotina é uma característica específica do trabalho avícola. O desfrute de descansos aos sábados e domingos é racionado, do mesmo modo que as noites de sono são parcialmente interrompidas com o soar do alarme. A tensão é maior ainda no início do lote, que é quando a atenção deve ser redobrada. Conforme Rosane Toebe Zen:

É neste período que o avicultor dispensa a maior atenção às aves, pois o desenvolvimento dos primeiros dias de vida é determinante no desempenho de todo o lote. Os fatores que afetam o conforto do animal determinam o conforto humano, e o conforto das aves quase sempre produz o desconforto humano. (TOEBE ZEN, 2009, p. 105).

É importante salientar que, diferente do nosso objetivo nesta pesquisa, a autora acima citada, tem como objetivo pesquisar os avicultores proprietários dos aviários, identificados por ela como uma categoria *sui generis* de trabalhadores (TOEBE ZEN, 2009). No entanto,

entendemos que as características abordadas no trabalho avícola têm ligação direta com os trabalhadores de aviários, sujeitos com uma posição significativa no processo de produção do setor avícola, mas que não estão inseridos nos discursos vinculados a esta atividade.

A partir da citação anterior, verificamos como essa pressão ocorre e influência no descanso, ou não, durante os intervalos de cada lote, diante do trecho da entrevista com senhor José:

Cintia: E nesse período [intervalo de um lote para outro] você descansa?  
 José: É daí no caso não descanso porque tem que preparar o aviário né, tem que preparar o aviário pro próximo lote que vai vim. Tem que recolher toda a ração que fica no corredor, têm que bater a cama várias vezes pra ela secar bem ficar bem sequinha, tem que jogar maravalha nova onde vai alojar. Então tem um monte de coisa pra fazer, no caso dá mais trabalho um pouco do que quando tá os frango aí. Que tem que preparar ali deixar arrumadinho. Tipo sai amanhã já limpo lá, aí fala assim: qual que é a previsão pra... pra alojamento né, daí eles falam tal dia, daí você fica meio esperto já pra esse dia né, daí próximo desse dia você liga pra pegar horário... o dia certo que vai ser o alojamento. Daí você tem que deixar o aviário arrumadinho. (MARCIO TO, 2013).

O intervalo é o período que o aviário fica sem receber aves. É um momento em que os empregados precisam organizar todo o espaço ocupado pelos pintinhos, pois nos primeiros 15 dias do lote são necessários cuidados específicos. O período inicial dos pintinhos, especificamente até os 15 dias, é o que requer maiores cuidados. O controle da temperatura dentro do aviário é rigoroso, pois, “[...] a região de Toledo possui temperatura média anual do ar de 20,5°C. Considerando esses dados climáticos, pode-se compreender a importância do controle da temperatura para a atividade dos avicultores.” (TOEBE ZEN, 2009, p. 62).

Entre o 10° e 15° dias é o período em que o pintainho começa a “criar carne” tornando-se mais resistente ao frio, no entanto, são muito sensíveis ao calor, conseqüentemente, os cuidados aumentam e a dedicação dos trabalhadores torna-se definitivamente integral e, aumentam os custos com lenha e gás, que são utilizados para o aquecimento do aviário.

Dentre as condições que fogem das mãos do trabalhador avícola estão, além das variações climáticas, as falhas que comprometem a produção por conta da má formação dos ovos, acarretando a má formação dos pintainhos, os erros na produção da ração, no qual, o frango não consegue engolir o grão, assim, aumentando a quantidade de ração sem acréscimo no peso.

Apesar de todos esses imprevistos, o trabalhador é encarregado de grandes responsabilidades em seu ambiente de trabalho, uma vez que o frango de granja não se cria sozinho e, com as várias alterações na genética da ave, a exigência no manejo se torna mais cautelosa, pois o pintainho está mais vulnerável e propício a doenças, mas ao mesmo tempo existe uma meta de aumento de peso em menos tempo, o trabalhador não recebe nenhum mecanismo formal de instrução para exercer a atividade. Esporadicamente a empresa promove encontros de orientação, mas que geralmente estão relacionados a questões contratuais, novas exigências impostas pelos mercados para melhor qualidade, e poucas vezes são tratadas questões específicas do manejo (TOEBE ZEN, 2009).

No decorrer das entrevistas, ficou evidente que, mesmo que a maioria dos trabalhadores tenha um histórico da trajetória ocupacional no campo, salvo dois casos que já trabalhavam com aviários em um segundo momento, se depararam a em uma situação parecida como a do senhor José, quando lhe pergunto se há uma orientação relacionada ao manejo e cuidados com as aves no início do trabalho:

Cintia: Você recebe alguma orientação de como fazer esse procedimento do manejo da... você tem alguma orientação de como fazer esse trabalho com os frangos? Como arrumar a cama...?

José: Então, na verdade assim, quando eu comecei, eu comecei meio na escura porque o rapaz que cuidava antes ele abandonou, né. E o patrão que entendia um pouco e me orientou né, que ele já tinha cuidado antigamente né, então ele que me orientava daí tem o técnico da empresa né, no caso nosso da Sadia. Então ele passa de vez em quando aí e fala: “ó isso aqui não tá bom tem que melhorar essa aqui tá bom”. Passa umas dicas pra gente, mas por lote ele passa duas, três vezes então... a gente tem que ir mais pela cabeça da gente mesmo. (MARCIOTO, 2013).

O trabalho dentro do aviário consiste não somente com o manejo das aves, ou seja, é necessário todo um preparo, que incide principalmente na manutenção de uma nova cama<sup>18</sup>. Após, em média, 10 dias de intervalo chega um novo lote, é necessário preparar algumas divisões no espaço dentro do aviário para que os pintinhos fiquem mais juntos, pois nos três primeiros dias é necessário tomar muito cuidado com a temperatura, mantendo sempre um ambiente mais quente. O cuidado com a temperatura é fundamental, enquanto as aves são pequenas (esse período abrange aproximadamente 15 dias), é necessário manter a temperatura ideal de 32 graus e, posteriormente, quando os frangos já são maiores é necessário manter um ambiente mais arejado.

---

<sup>18</sup> Forragem do chão do aviário feita com raspas de madeira.

Esse procedimento aparece em todas as falas dos trabalhadores entrevistados, o cuidado com a temperatura parece ser fundamental para o desenvolvimento da ave e consequentemente um valor alto no final do lote.

Em uma visita em outra propriedade, aquela já mencionada no início do capítulo, do senhor Orestes Grespão, conversamos com os trabalhadores empregados, um casal muito acolhedor, o senhor José Sartori, de 55 anos e a sua esposa dona Lenir, de 56 anos de idade. O casal mora e trabalha na propriedade há onze anos e cuidam de três aviários, sendo um automático e dois manuais, antes também trabalhavam como empregados em aviário, mas o contrato de arrendatário do patrão venceu e eles tiveram que procurar outro trabalho.

Esse casal apresentou uma característica singular dentre os trabalhadores entrevistados. Ambos trabalham com carteira assinada e a dona Lenir já é aposentada, mas não deu baixa em sua carteira e continua trabalhando com carteira assinada. O fato de esses trabalhadores terem carteira assinada não é muito comum entre os trabalhadores na avicultura. A maioria tem uma relação estabelecida entre o patrão, proprietário do aviário, por um contrato ou nem por isso apenas firmado com palavras como é o caso do senhor José Marcioto, já citado no início deste capítulo.

O casal citado acima são os trabalhadores mais velhos entrevistados, até então nessa pesquisa. Podemos observar a partir da entrevista que o trabalho e a moradia no campo têm um sentido positivo, conforme o trecho abaixo:

Lenir: Eu gosto de morar na roça aqui eu não acho ruim... porque nós temos duas casas lá em cima no Belo Horizonte também...

José: Eu tenho duas casas no Belo Horizonte. (SARTORI, 2012).

Mas observamos também, que há uma procura por possuir imóveis no perímetro urbano. O casal tem uma renda mensal vinda do aluguel das duas casas que possuem em um bairro em Toledo. Então, mesmo tendo condições de morarem na cidade, eles preferem continuar onde estão, com a rotina permanente de um trabalhador no ramo da avicultura. Quando pergunto como eles conciliam a vida pessoal com o trabalho eles descrevem:

José: Não, o trabalho assim de aviário não é ruim né?!

Lenir: É de manhã!

José: É... da um pouco de serviço sim, mas não é assim um serviço de vamos dizer o dia inteiro...

Lenir: Que fica... nós tem que ficar de manhã no aviário. Nós levanta e já vai pro aviário, os dois e daí arrumemo um tratemo um e daí voltemo tomamo café e... voltamos lá pro aviário de novo aí vai até que termina,

depois que terminou eu venho pra dentro pra fazer o almoço e ele fica ainda fazendo alguma coisa lá pra terminar...

Cintia: Ah, tá então o aviário disponibiliza um tempo pra lazer pra vocês?

Lenir: Ah, em casa né, mas não pode sair de casa.

José: Se tiver frango grande não pode sair né.

Lenir: Não pode sair de casa.

José: Tem que ficar por ae.

Lenir: O lazer nosso... enquanto tiver pinto... não tem lazer pra nós.  
(SARTORI, 2012).

O diálogo exposto entre esses trabalhadores está permeado de ambiguidades e contradições. Se em um momento o trabalho no aviário não é ruim, em outros momentos, mais uma vez, fica evidente o controle permanente do tempo desses trabalhadores. De certa forma existe uma liberdade relativa, pois podem organizar da forma que quiserem alguns afazeres, como, por exemplo, o trabalho doméstico, mas ainda esta organização e, principalmente, os momentos de lazer estão condicionados ao trabalho no aviário.

Durante as entrevistas observamos que esses trabalhadores sentem uma grande responsabilidade no desempenho de suas atividades, como relata o trabalhador abaixo:

José Marcioto: Os primeiros dias é... você tem que ficar...você tem que ligar o forno né, a temperatura ideal é 32 graus. Então mesmo no dia quente geralmente não chega... não chega a essa temperatura sem ligar o forno, então tem que ligar o forno, tem que ficar sempre atento colocando lenha no forno, é... tem que ficar bastante olho porque morre bastante no começo né, e eles vem bem fraquinho então os primeiros dias são os mais sensíveis tem que ficar de olho mesmo e daí nos últimos dias também né, porque nos últimos dias eles tão grandes, gordo, tá abafado ali dentro e daí tem que ficar de olho também porque se não pra você perde o lote é questão de um meio dia aí você perde o lote inteiro às vezes. (MARCIO TO, 2013).

Esse trabalhador sabe que poderá haver reflexos no valor do seu pagamento no final do lote, caso ocorra algum descuido no manejo das aves ou até mesmo uma queda na temperatura, pois toda a condição de um bom lote está condicionada as variações do clima/tempo na região de Toledo, por isso é necessário que o trabalhador esteja sempre em alerta. O trabalhador não tem domínio do seu tempo, e isso não é especificamente uma ordem direta do patrão ou da empresa, mas sim, é a produção que exige essa condição, qualquer imprevisto que ocorra durante o período de engorda do frango (período estimado de 40 a 45 dias) pode influenciar em fatores fundamentais nos resultados financeiros, conforme Toebe Zen (2009, p. 51):

[...] a imprecisão em determinar a quantidade de tempo diário que o avicultor deve se dedicar ao aviário está no fato de que os fatores que a determinam



não são controláveis: o clima (sol ou chuva), a temperatura (frio ou calor) a incidência ou não de doenças, etc.

Logo, o tempo disponível para o trabalho avícola torna-se integral, consequência de uma nova estrutura que os mundos do trabalho perpassam, alterando também a vida dos trabalhadores.

A pesquisa desempenhada neste trabalho em conjunto com as entrevistas nos possibilitou compreender um pouco mais a experiência desses trabalhadores. A busca pela compreensão dos sentidos e significados atribuídos para o trabalho, a partir da concepção dos sujeitos diretamente envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar e compreender o processo de produção avícola vivido pelos trabalhadores de aviários no município de Toledo. Problematizar, descrever e interpretar as relações de trabalho e a experiência social dos trabalhadores vinculados à avicultura no município de Toledo nos possibilitou compreender um pouco mais sobre esses trabalhadores e sua inserção no processo histórico.

Estudar os sujeitos que trabalham na atividade avícola nos proporcionou um trabalho de observação e interpretação das trajetórias ocupacionais de cada um, na rotina, nas relações de trabalho e a organização do tempo. Diante de um diálogo que fluía, em alguns momentos, a partir de uma necessidade de se pronunciar diante de uma oportunidade.

Todas essas questões fizeram com que pudéssemos questionar e observar que esses sujeitos não são homogêneos e mesmo que todos os entrevistados tenham uma trajetória ocupacional vinda do campo, não seria a vontade de permanecer no campo que assegura esses trabalhadores nessa atividade, mas que um trabalho que possa lhes proporcionar certa “liberdade” de organização do tempo no trabalho, pois muitos acreditam que a tecnologia empregada para substituir o trabalho braçal lhes proporciona um trabalho menos duro, um lugar para morar com a sua família sem se preocupar com alguns gastos que acabaria tendo caso morasse na cidade. Além do convívio amigável e estável com os seus patrões, em nenhuma entrevista os trabalhadores se colocaram contra, ou narraram alguma situação de desavença com o patrão que, na maioria dos casos, mora na mesma propriedade. Isso não significa que tensões e conflitos estejam ausentes no campo em Toledo.

Porém, existe uma frustração da parte desse trabalhador, pois se de um lado o trabalho na avicultura tornou-se menos pesado, continua sendo um trabalho que pode proporcionar a aquisição desses bens materiais, de outro, os momentos de lazer são frustrados a partir do momento em que a necessidade imposta pelo trabalho avícola no condicionamento a permanência deste trabalhador na propriedade, faz com que os momentos de lazer sejam reduzidos a ficar em casa, ou um final de semana corrido entre uma folga entre um intervalo e outro.

A conclusão desse trabalho é parcial. Diversas questões acerca da produção de entrevistas, do roteiro e da problematização acabaram surgindo posteriormente e que foram sendo observadas no final dessa pesquisa e, infelizmente, não foi possível acompanhar melhor

a historicidade do processo de reorganização da produção e do trabalho no campo, relacionadas especificamente a avicultura e/ou o trabalho no campo em geral. No entanto, essas questões apontam para a possibilidade de continuar a investigação sobre os sujeitos trabalhadores da avicultura.

## FONTES ORAIS

GRESPÃO, Orestes. Entrevista concedida em 22 de setembro de 2012. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência do entrevistado na Linha Caça e Pesca, em Toledo.

MARCIOTO, José. Entrevista concedida em 14 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência do entrevistado na Linha Tapuí, em Toledo.

PONTIADO, Ilátio. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência do entrevistado. Na Linha São Paulo em Toledo-PR.

PONTIADO, Leonir. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência da entrevistada. Na Linha São Paulo em Toledo-PR.

TEODORO, Adalto. Entrevista concedida em 14 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência do entrevistado em Bom Princípio, Distrito de Toledo.

SANTOS, Genival. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência dos entrevistados na Linha Flórida, em Toledo.

SANTOS, Vera. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência dos entrevistados na Linha Flórida, em Toledo.

SARTORI, José. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2012. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência do entrevistado na Linha Caça e Pesca, em Toledo.

SARTORI, Lenir. Entrevista concedida em 06 de novembro de 2012. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência da entrevistada na Linha Caça e Pesca, em Toledo.

SILVA, Ailton. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência dos entrevistados na Linha Flórida, em Toledo.

SILVA, Lucilene. Entrevista concedida em 15 de janeiro de 2013. Realizada por Cintia Valéria de Mello, nas dependências da residência dos entrevistados na Linha Flórida, em Toledo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELUSSO, D. **A integração de agricultores às cooperativas agrícolas abatedoras de frangos no Oeste do Paraná**. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2010.

BOSI, A. de P. História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). **Revista de História Regional**, v. 16, n. 2, p. 400-430, 2011.

DALLA COSTA, A.; SHIMA, W. T. Tecnologia e competitividade do trabalho na avicultura brasileira. **Economia e Sociedade**, Ano 3, v. 8, p. 87-96, jan./mar. 2007.

INÁCIO, S. T. **Relações de trabalho percebidas a partir das experiências dos próprios trabalhadores**. UNIOESTE – PDE, 2008. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_salete\\_tomala\\_ck.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_salete_tomala_ck.pdf)> Acesso em: 9/2/2013.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo, Nova Cultural, 1996.

PORTAL SUÍNOS E AVES. Etapas do manejo de frango de corte. Quinta-feira, 07 de março de 2013. Disponível em: <[http://www.aviculturaindustrial.com.br/noticia/etapas-do-manejo-de-frango-de-corte/20130307090133\\_H\\_028](http://www.aviculturaindustrial.com.br/noticia/etapas-do-manejo-de-frango-de-corte/20130307090133_H_028)> Acessado em: 03/06/13, às 15:13 min.

PORTELLI, A. O melhor limpa-latas da cidade: a vida e os tempos de Valtério Peppoloni, trabalhador. In: PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SILVA, R. N. B. **Trabalho integrado e reprodução do capital**: um estudo de caso no Sudoeste do Paraná. 2011. 414 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói. 2011.

THOMPSON. E, P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON. E, P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOEBE ZEN, R. **O processo de trabalho dos avicultores parceiros da Sadia S.A**: controles, mediações e autonomia. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Unioeste, Cascavel, 2009.